

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data 30 / 08 / 95
cod. 0AD 000034

RELATORIO DE VIAGEM DE PESQUISA DE CAMPO

MAIO/JULHO 1993

EDUARDO GOES NEVES

JULHO 1993

I. INTRODUÇÃO

Esse relatório descreve as atividades de campo por mim coordenadas na bacia média do rio Uaupés entre maio e julho do corrente. Tais atividades dão continuidade ao levantamento arqueológico da região por mim iniciado em fevereiro e março últimos. O trabalho foi realizado com a participação de Astolfo Gomes de Mello Araújo, mestrando do programa de pós-graduação em arqueologia da FFLCH-USP e José Paulo Jacob, técnico do MAE. Contou também com o testemunho da jornalista Vanessa Fernandes de Sá, do Jornal da USP, que publicará uma matéria divulgando o projeto, e como consequência o nome do MAE, para a comunidade acadêmica dos diversos campi da USP. O financiamento é feito pela National Science Foundation, processo DBS/9223763. Os trabalhos de campo foram realizados com equipamentos e materiais adquiridos com fundos da referida bolsa, como por exemplo um nível e tripé; um GPS - Global Positioning System; uma "Munsell Soil Chart"; uma bússola de bolso Brunton. Tais equipamentos, apesar de estarem em meu nome, encontram-se a disposição dos colegas interessados em usá-los em suas pesquisas de campo.

Apresentarei primeiramente o cronograma das atividades para depois discutí-las com maior detalhe. Em seguida apresentarei os resultados obtidos até o momento e as perspectivas de pesquisa futuras. Finalmente, farei um balanço das atividades por mim realizadas até o momento na região, discutindo os avanços e limitações do trabalho.

II. CRONOGRAMA

DATA	ATIVIDADE
16/5	Viagem São Paulo - Manaus (avião VARIG).
17-21/5	Viagem Manaus - S. Gabriel da Cachoeira (barco).
21-26/5	Permanência em S. Gabriel.
26-30/5	Viagem S. Gabriel - Iauaretê (barco).
31/5-23/6	Prospecção e escavação do sítio Fortaleza.
24/6	Viagem a Marabitaná (barco).
25-26/6	Prospecção do Igarapé Tamanduaí.
27-28/6	Sondagem e coleta sup. no sítio Marabitaná.
28/6	Retorno a Iauaretê (barco).
29-30/6	Permanência em Iauaretê.
30/6	Retorno a S. Gabriel (avião FAB).
1-3/7	Permanência em S. Gabriel.
4-6/7	Retorno a Manaus (barco).
7/7	Retorno a S. Paulo (avião VARIG).

III. DISCUSSÃO DAS ATIVIDADES

III.1 O Sítio Fortaleza

Durante as prospecções realizadas na unidade piloto de Iauaretê/Sta. Maria em fevereiro e março últimos, tivemos a oportunidade de visitar um antigo aldeamento dos índios Tariano, situado na localidade de "Serra do Jurupari", distando aproximadamente 5 km. mata adentro do rio Uaupés. De acordo com a tradição oral dos Tariano, esse local foi ocupado pelos ancestrais desse povo, num período em que estariam migrando de seu território original, na bacia dos rios Içana e Aiari, até a região do médio Uaupés. Reza essa tradição que nesse movimento os Tariano entraram em guerra com os então habitantes da área - os índios Uanano e Tucano - e para defender suas posições construíram uma fortaleza na serra do Jurupari.

A tradição oral e dados históricos permitem-nos afirmar que os Tariano foram o último contingente populacional indígena a se deslocar para a região do médio Uaupés. A escavação do sítio Sta. Maria em fevereiro/março último nos permitiu obter amostras de cerâmica Tariano fabricada no final do século passado, quando esse grupo já estava estabelecido na área, conforme observado por Wallace em 1849 e Coudreau em 1886.

Resta-nos porém estabelecer de uma maneira objetiva um marcador cronológico para a chegada dessa população alóctone ao médio Uaupés. Foi nessa perspectiva que decidimos escavar a "fortaleza" da serra do Jurupari. Os objetivos do trabalho foram três:

- 1) Obter datas para a chegada dos Tariano à região;
- 2) Obter uma amostra de material cerâmico que possa ser comparada à cerâmica escavada em Sta. Maria;
- 3) Estabelecer indicadores demográficos sobre uma comunidade Tariano provavelmente anterior ao período de contato direto com os colonizadores europeus.

Nunca é demais reforçar o fato de que o objetivo geral do projeto de pesquisa dentro do qual se insere essa etapa de campo é o de estabelecer a origem do sistema social regional do médio Uaupés, do qual participam os Tariano, graças à regra de exogamia linguística. Nesse sentido, ao se estabelecer uma data para a chegada dos Tariano à região, poderemos ter uma noção, ainda que primária, sobre a antiguidade desse sistema. Com a escavação do sítio Fortaleza, é provável que tenhamos obtido elementos para resolver essa questão.

O trabalho consumiu mais de três semanas e seu sucesso só foi possível graças a participação ativa e crítica de Astolfo, Paulo e Arlindo Maia (indio Tucano) e Jacinto Ferraz (indio Uanano), moradores de Iauaretê. No caso de Paulo Jacob, tratando-se ele de um funcionário da instituição, gostaria de destacar que seu preparo, conhecimento de técnicas de trabalho de campo e espírito crítico surpreenderam-me de uma maneira bastante positiva. Desse modo, acredito que as pesquisas desenvolvidas pelo MAE só tem a ganhar em qualidade com a sua participação.

O local do sítio Fortaleza é hoje coberto por uma mata secundária (capoeira) o que impossibilita a visualização de vestígios arqueológicos que eventualmente afluem. Nossa única referência para o trabalho eram valas, que de acordo com a tradição oral dos Tariano, indicariam o local da paliçada que cercava a aldeia. No início das

atividades, acreditávamos que existia uma vala única que comporia todo o perímetro do sítio. O desenvolvimento dos trabalhos revelou no entanto que existem duas valas semi-circulares simetricamente opostas - uma ao norte outra ao sul - distando cerca de 150 m. uma da outra.

A vala N foi escolhida como ponto de referência inicial. A partir desse local, o trabalho foi dividido em duas frentes: enquanto alguns de nós iniciaram uma trincheira cortando a vala, outros abriram uma picada NS de 115 m. que atravessou o sítio até a vala S. A medida que a picada era aberta, perfurações feitas com uma cavadeira "boca-de-lobo" e espaçadas 5 m. uma da outra eram realizadas para que pudessemos mapear a distribuição do material enterrado. As picadas foram também utilizadas na confecção da planta topográfica do sítio. Desse modo, ao cabo do trabalho, tínhamos a situação apresentada na tabela abaixo.

PI-C.	EXT. (m.)	DIR.	N PERF.	PIC.	EXT. (m.)	DIR.	N PERF.
C1	115	N-S	24	C6	85	NE-SW	17
C2	75	E-W	15	C7	35	NW-SE	6
C3	97,5	E-W	19	C8	40	NW-SE	8
C4	97,5	E-W	19	C9	90	NE-SW	18
C5	105	NE-SW	21				

Total de Perfurações: 147

Baseado nas evidências das perfurações, escolhemos os locais para fazer intervenções mais detalhadas. Dadas as limitações de tempo e seguindo o que havia sido definido no projeto de pesquisa, decidimos abrir trincheiras de tamanho variável e sondagens de 1x1 m. A tabela abaixo apresenta os dados sobre as unidades escavadas. As escavações foram feitas em níveis artificiais de 20 cm.

UNIDADE	INTERVENCAO	TAMANHO (m.)	PROFUNDIDADE (cm.)
1	sondagem	1x1	60
2	trincheira	6x.5	20
3	trincheira	4x1	70 *
4	trincheira	3x1	60
5	trincheira	3x1	120
6	sondagem	1x1	100
7	sondagem	1x1	100
8	trincheira	2x1	100

* um nível de 30 cm.

A quase totalidade do material coletado constitui-se de fragmentos cerâmicos. Coletamos também amostras de carvão para datação, associadas a uma concentração cerâmica localizada na unidade 5, a 60 cm. de profundidade. O material encontra-se agora no laboratório do MAE onde será analisado.

A maioria do material foi encontrada a uma profundidade média de 20-40 cm. Como o sítio se encontra no topo de uma elevação com declives relativamente abruptos, não estando portanto sujeito a inundações, acreditamos tratarem-se de depósitos relativamente antigos (300 BP ?) o que poderá ser aferido pela datação do material coletado.

A observação preliminar dos materiais obtidos nas perfurações e trincheiras, bem como da planta topográfica por nós elaborada permite a elaboração de hipóteses, ainda muito impressionistas, sobre o sítio Fortaleza, quais sejam:

1) Trata-se de um sítio unicomponencial, já que não se percebe variação funcional, tecnológica e estilística no material cerâmico coletado;

2) A área central do sítio apresenta baixa concentração de material arqueológico, o que pode significar pelo menos duas possibilidades: trata-se de uma praça central ou, mais provavelmente, o local onde se situava a maloca, já que era esse o tipo de padrão

de habitação das populações do Uaupés e Içana até meados desse século.

3) Se a hipótese sobre a maloca for correta, será possível estabelecer-se parâmetros demográficos sobre a população que habitou o local, baseado em dados etnográficos e etnohistóricos sobre as antigas malocas.

4) A cerâmica do sítio Fortaleza é aparentemente muito semelhante a do sítio Sta. Maria, o que pode significar um problema para o estabelecimento de uma cronologia relativa para a região baseada unicamente em seriações cerâmicas.

Após o encerramento das atividades, foram feitas duas reuniões, uma com a comunidade de Sta. Maria e outra com a de Iauaretê. O objetivo dessas reuniões foi o de mostrar o material coletado, a planta topográfica realizada e discutir nossas hipóteses com os próprios descendentes dos antigos habitantes do sítio Fortaleza. A reação das comunidades foi extremamente positiva, talvez porque o potencial educativo e político do trabalho tenha sido notado.

III.II O Igarapé Tamanduá e o sítio Marabitaná

Findas as atividades no sítio Fortaleza e já sem a o auxílio de Astolfo e Paulo, dei procedimento à pesquisa com o início das prospecções em uma outra área piloto, situada ao redor do igarapé Tamanduá e da comunidade de Marabitaná, localizada a jusante de Iauaretê, a 2hs. de barco com um motor 40 hp. Contratei um prático com barco - Sr. Eugenio Trindade, Índio Uanano - para realizar essa etapa do trabalho.

Essa unidade piloto foi selecionada porque o igarapé Tamanduá corta um meandro abandonado do rio Uaupés, identificado através da análise das imagens de satélite. Nesse sentido, a possibilidade de se localizar ocupações mais antigas - anteriores à atual conformação do rio - é maior na prospecção de uma unidade como esta, tal como foi o caso no baixo Mississipi (Griffin, Philips & Ford 1950), médio Ucaiyaly (Lathrap 1968) e ilha de Marajó (Brochado 1980, Roosevelt 1991).

A comunidade de Marabitaná situa-se na margem direita do Uaupés, do lado

oposto da foz do igarapé Tamandúá. Após a nossa chegada, tomamos as providências necessárias para a viagem Igarapé acima, contratando mais um auxiliar - André Xavier Soares, Índio Tariano e vice-líder de Marabitaná. Nessa ocasião tivemos também a oportunidade de expor o trabalho para a comunidade. Para minha surpresa fui inundado de informações sobre a existência de vestígios arqueológicos no próprio local onde se encontra agora Marabitaná. De fato, os moradores passaram a me mostrar artefatos de pedra polida - adornos cilíndricos, fragmentos de mãos-de-pilão e de lâminas de machado - e fragmentos cerâmicos que, segundo eles, haviam sido encontrados na área central de circulação da aldeia. Conseqüentemente, decidi fazer uma observação mais detalhada do local após o retorno da prospecção do igarapé Tamandúá.

Partimos cedo no dia seguinte. Para auxiliar nossa localização e facilitar a plotagem dos sítios trazíamos um "GPS (Global Positioning System) Receiver". Na região do Uaupés o período de cheias vai de maio a agosto e por isso toda a bacia do igarapé Tamandúá formava um imenso igapó - floresta inundada. Procurei então orientar o levantamento por dois critérios: visitaçãõ dos locais identificados como de alto potencial arqueológico através da análise das imagens; visitaçãõ de áreas de terra firme em meio ao igapó. Conversando com os moradores de Marabitaná fui informado que muitos indivíduos costumavam fazer roças nessas áreas de terra firme Igarapé acima, já que existem poucas áreas propícias ao cultivo naquela porçãõ do Uaupés. Procurei então orientar o levantamento por dois critérios: visitaçãõ dos locais identificados como de alto potencial arqueológico através da análise das imagens; visitaçãõ de áreas de terra firme em meio ao igapó. Desse modo, utilizei como hipótese de trabalho a premissa de que poderia encontrar sítios arqueológicos nos locais de roças abandonadas.

A prospecção foi feita em dois dias, quando percorremos cerca de 10 km Igarapé acima. Três sítios arqueológicos foram identificados e em um deles - sítio do Tronco da Pupunha -fizemos uma coleta superficial e perfurações. Os outros dois tiveram suas

posições tomadas com o GPS e um deles, localizado na roça do Sr. Idalino Brás foi selecionado para ser trabalhado na próxima etapa de campo. Fomos informados pelo Sr. João Falcão, um índio Pira-Tapuio que tem uma roça no igarapé, que antes da chegada dos missionários, existiam assentamentos Tarianos ao longo do igarapé e que essas populações foram atraídas para aldeamentos ao longo do Uaupés para facilitar o trabalho de catequese. Portanto, é provável que os sítios por nós localizados representem ocupações do século passado.

Encerrada a prospecção do igarapé Tamanduá, procedemos ao trabalho em Marabitana. Chovia muito e os trabalhos, que desenvolvemos durante dois dias, tiveram que ser interrompidos constantemente. A aldeia encontra-se instalada no local há 28 anos. Desde então, a constante ação erosiva da água abaixou o nível original do terreno em cerca de 2,5 m., o que pode ser verificado através da planta topográfica que fizemos. Desse modo, a erosão revelou um nível arqueológico de cerca de 2 m. de profundidade, de onde aflorava uma extensa quantidade de material cerâmico.

Por causa da chuva, do tempo reduzido e da falta de equipamentos adequados para documentação - já que a câmera fotográfica que trazia comigo se havia extraviado - decidí fazer apenas uma planta topográfica, uma coleta superficial e abrí uma sondagem de 1 x1 m. no sítio. Os objetivos dessas atividades foram: obter uma amostra da cerâmica desse sítio através da coleta; avaliar o desnível provocado pela erosão através da planta topográfica; obter uma estimativa da profundidade do depósito através da sondagem.

O resultado dessas atividades foi bastante positivo. A cerâmica coletada em Marabitan mostrou-se diferente da que havia sido até então por mim coletada em outros sítios do Uaupés. Dentre as diferenças que já tive oportunidade de observar, destacam-se: presença de engobo vermelho, uso de areia como tempero, incisões nas bordas. O trabalho que desenvolveremos com esse material permitirá o refinamento dessas observações preliminares. A sondagem revelou, a um nível de 20cm., um alinhamento

de manchas escuras circulares que acredito sejam manchas de esteio. É importante deixar claro que tais manchas eram perfeitamente circulares, regularmente espaçadas e de coloração escura, contrastante com o solo arenoso do local. Decidi então interromper os trabalhos a esse ponto para retomá-los com melhores condições na próxima etapa de campo.

As diferenças estilísticas e tecnológicas na cerâmica levam-me a crer que se trata de um diferente horizonte de ocupação, provavelmente anterior à chegada dos grupos Tucano a região. No entanto, só um trabalho mais detalhado no sítio poderá fornecer melhores elementos para confirmar ou falsificar tal hipótese.

Assim sendo, o sítio Marabitana constitui-se como uma das prioridades para a continuidade dos trabalhos no médio Uaupés.

IV. CONCLUSÕES

Em retrospecto, a etapa de campo de maio/julho mostrou-se bastante produtiva, mesmo face as dificuldades operacionais de se trabalhar em uma região como o médio Uaupés. A participação de Astolfo Araújo e Paulo Jacob em parte da etapa foi fundamental para esse sucesso. A análise do material obtido marcará um avanço significativo na pesquisa, fornecendo já elementos para a redação de minha tese de doutoramento, que pretendo defender em 1995.

Gostaria finalmente deixar claro à diretoria e aos colegas da divisão de arqueologia que lamento profundamente o incidente que causei pela maneira pela qual conduzi meu afastamento. Reconheço que agi de maneira descuidada, mas jamais com desonestidade e procurarei no futuro evitar esse tipo de problemas. Continuo acreditando que o MAE só tem a ganhar com o sucesso de minha pesquisa e é com esse espírito que pretendo continuar a conduzi-la.